

ARTIGO - 2. PATRIMÔNIO CULTURAL E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: O PATRIMÔNIO NA ÉPOCA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: A CONSERVAÇÃO ENTRE NOVOS E VELHOS RISCOS / AS ESCALAS DO PATRIMÔNIO: LOCAL - GLOBAL / MODELOS INOVADORES DE GESTÃO PARTICIPATIVA E ENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES LOCAIS / ESTRATÉGIAS DE FINANCIAMENTO PARA A CONSERVAÇÃO..

‘I WILL NOT BE SILENT’: STONEWALL E OS FUTUROS DO PATRIMÔNIO CULTURAL

João Pedro Otoni (otoni.joaop@gmail.com)

Sônia Regina Rampim Florêncio (sonia.r.florencio@gmail.com)

Leonardo Barci Castriota (leocastriota@yahoo.com.br)

A rebelião de Stonewall, em 1969, constitui um marco na história das mobilizações LGBTQ+, simbolizando globalmente a luta por direitos civis e a afirmação de identidades dissidentes. Apesar de sua relevância histórica e cultural, o local permanece ausente da Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO, cuja definição de “valor universal excepcional” orienta a seleção de sítios reconhecidos como herança comum da humanidade. Essa ausência revela não apenas uma lacuna, mas uma limitação estrutural do sistema patrimonial, fortemente enraizado em perspectivas eurocentradas e em categorias que privilegiam monumentos arquitetônicos em detrimento de espaços associados a processos de resistência social. Este trabalho analisa criticamente os critérios da UNESCO e problematiza a seletividade do reconhecimento oficial do patrimônio cultural. Apoiado nas contribuições de Laurajane Smith e em abordagens decoloniais, o estudo evidencia como

comunidades negras, indígenas e queer têm sido historicamente marginalizadas nas narrativas patrimoniais. Entender o patrimônio como prática “no e para o presente”, com engajamento orientador para o futuro, implica deslocar o foco para processos de mobilização social e práticas que contrariam o discurso hegemônico, ao mesmo tempo em que afirmam seus próprios patrimônios e memórias. Assim, o patrimônio pode ser apropriado como recurso por grupos sociais subalternizados para desafiar e redefinir valores consagrados pelo Discurso Autorizado do Patrimônio (Smith, 2006). Nessa perspectiva, Stonewall é interpretado como um marco civilizatório comparável a sítios já inscritos na lista, como Robben Island e Hiroshima, que expandiram a compreensão institucional do patrimônio para incluir experiências de violência, resistência e transformação social. A análise também estabelece um paralelo com Uluru, na Austrália, cujo reconhecimento representou uma inflexão na abordagem da UNESCO ao incorporar dimensões espirituais e culturais de povos indígenas, desafiando a separação rígida entre patrimônio natural e cultural. Ao considerar o atual contexto geopolítico do Comitê do Patrimônio Mundial, composto por Estados com posicionamentos divergentes em relação aos direitos LGBTQ+, o trabalho evidencia as tensões políticas que permeiam a definição de patrimônio e condicionam a possibilidade de inclusão de Stonewall. Por fim, recorre-se ao conceito de fabulação crítica, proposto por Saidiya Hartman (2022), como ferramenta metodológica para repensar os futuros do patrimônio cultural. Argumenta-se que o patrimônio deve ser concebido não apenas como rememoração de passados monumentalizados, mas como dispositivo dinâmico de reconhecimento de lutas sociais e de construção de horizontes inclusivos. A eventual inscrição de Stonewall como Patrimônio Mundial configuraria, nesse sentido, não apenas um ato de reparação histórica, mas também um avanço paradigmático rumo a uma noção mais abrangente, plural e democrática de patrimônio cultural.

Palavras-chave: stonewall; patrimônio queer; patrimônio mundial; lgbtq+.